

do Estoril. A palavra *arcas* tem significações várias, mas a de monumento dolménico não é a mais vulgar, e talvez só em determinadas condições, por exemplo, quando os dólmenes sirvam ou tenham servido de marcos ou balizas territoriais, o que aliás tem até, se bem me lembro, comprovação diplomática da nossa idade média.

De maneira que, se aquele era o *Outeiro das Arcas* e se estas *arcas* eram antas ou dólmenes, haviam de aparecer nele sílices e cerâmica preistórica; ora de facto estes objectos encontram-se aí, logo... Por muito que o raciocínio pareça lógico e rigoroso, não ousarei afirmar que o *Outeiro das Arcas* era a cota de 132 metros na freguesia do Lumiar. ¡Faltaram de todo vestígios de arquitectura dolménica!

Portanto iremos bater a outra porta.

F. ALVES PEREIRA.

Castro de Entre-os-Rios

Constando-me, no mês passado, quando estive a veranejar na freguesia de Canelas, concelho de Penafiel, que na limítrofe freguesia de S. Miguel de Entre-os-Rios, no monte da Senhora da Cividade, situado nas vertentes do rio Douro, a pequena distância da foz do Tâmega, apareciam muitos fragmentos de louça de barro e de telhas, resolvi ir lá, persuadido de que se trataria dum *castro*, dalgum modo indicado pelo nome do monte *Cividade*, pela existência *in loco* duma capela sob a invocação de *Senhora da Cividade*, que representa talvez a cristianização dum culto pagão, e pelo aparecimento de grande quantidade de fragmentos cerâmicos: e efectivamente fui no dia 8 do mesmo mês.

Percorrendo o monte, encontrei muitos fragmentos de cerâmica, dos que se costumam encontrar nos castros.

Com grande aprazimento e satisfação verifiquei que não me havia enganado nas minhas previsões: houve naquele lugar um castro, que contém vestígios de duas civilizações, uma *pre-romana* e outra *romana*.

Depararam-se-me logo à superfície da terra alguns fragmentos de instrumentos de pedra (vulgarmente chamada *seixo*): martelos, amoladeiras, e bem assim uma mó manual (*catillus*) de forma pouco vulgar, alta e pesada; uma coluna de granito, escumalho de ferro, e uma cunha pequena muito oxidada; *tégulas*, algumas com uma marca de oleiro feita com impressões digitais na parte ainda fresca, que parece conter a letra M; *imbrices*, *pondera*, tejos; e bocais, gargalos, bojos, asas e fundos de vasilhas, mostrando estes diversos

fragmentos terem pertencido a vasos de várias dimensões, espessuras, feitios e côres, pois se exhibe nos bojos de muitos um relêvo, o que não tenho encontrado em outros castros.

E também lá achei vestígios de casas, pedra facetada e considerável quantidade de pedaços de lousa, tendo muitos um pequeno orifício, proveniente, creio eu, de pregos, por as coberturas, das casas, segundo a minha humilde opinião, serem formadas de lousas.

Em alguns penedos vêem-se buracos de dimensões várias e todos com esta forma—U, e num há uma grande pia quadrangular; e no cimo do monte um *dólmen*.

Informou-me uma pessoa fidedigna que, ainda há poucos anos, uma mulher achara ali um pedaço de ouro, que vendera em Penafiel.

Do castro sai um grande cano de cantaria, que vai ter ao rio Douro, na margem direita, passando por baixo da igreja paroquial de S. Miguel de Entre-os-Rios, que é de architectura românica, do séc. XII. O povo liga a êste cano muitas lendas e tradições, dizendo que era *por onde os Mouros levavam os cavalos a beber ao Douro; que dentro dêle há salas espaçosas, cheias de grandes riquezas; e que algumas pessoas arrojadas, e ambiciosas de fortuna, que ai tem querido entrar se tomam de muitissimo mêdo, porque lá vêem mouros horripilantes e muito bem armados que lhes proibem a passagem, etc.*, lendas que se contam de outros castros.

Quando se abriram os alicerces para a ponte de Entre-os-Rios, que fica perto do *terminus* dêste cano, acharam-se algumas antiqualhas, como cacos de tégulas, de ímbrices, de lucernas e de vasilhas.

No meu entender, que submeto a outros mais autorizados, o monte da *Senhora da Cidade* é efectivamente um *castro lusitano*; e nos arredores, mormente nas frèguesias da Eja, Canelas, S. Paio de Portela, S. Vicente do Pinheiro, Capela, Valpedre, Oldrões, Paredes, Gandra, Peroselo, Vila Cova e Luzim, existiram povoações romanas. Demonstram-no o *Balneário luso-romano de águas sulfurosas*, em S. Vicente do Pinheiro, exumado pela iniciativa e diligência do meu amigo Dr. Agostinho Lopes Coelho, e muito bem estudado pelo distintissimo arqueólogo Sr. Dr. José Fortes no seu precioso opúsculo «*Balineum luso-romano de S. Vicente do Pinheiro*», publicado em 1902; o aparecimento, há anos, em Canelas, de duas vasilhas romanas cheias de carvãos e de terra, e de um almofariz de pedra, que possuo; os fragmentos de cerâmica, moedas e pias, que se descobriram, na Capela, quando se procedia aos trabalhos da estrada de Curveira a Recarei; vários vestígios no monte Mosinho, no lugar denominado Mosteiro das Freiras; o marco de Luzim, etc.:—tudo

isto comprova que estes sítios foram efectivamente habitados pelos Romanos.

O monte da Senhora da Cidade bem merecia, pois, ser visitado e estudado pelos arqueólogos; e, se nele se fizesse uma exploração convenientemente dirigida, talvez se descobrissem antigualhas de maior valor arqueológico.

Pôrto, Novembro de 1917.

VIEIRA DE ANDRADE,

Abade do Ramalde.

Documentos da Ericeira

Audiências da almotaceria

Entre os livros e documentos pertencentes ao extinto Concelho da Ericeira, que existem no Arquivo da Junta de Paróquia da mesma vila, há um livro da almotaceria relativo aos anos de 1502 e 1503. Êste livro com mais dois: Livro da Camara e Livro das rendas do verde, formam um só volume. Do referido livro da almotaceria, que é uma espécie do actual «Protocolo de audiências», que se usa nos tribunais, transcrevo o seguinte:

Aos ix d. do mes de Ian^{ro} de mjl e q̄nhêtos e tres na vila dericeira ã o paço do C.^o da dita vila d.^o Glz almotaceel o dto mes fez od.^{ca} demãdou a.^o anes p.^{or} dalv.^o frz qtr.^a m.^a mãsa ̄lxxx rs. deserviço de c.^a || fernã roiz p.^{or} de m.^a mãsa dise q. lhe tinha pagoa por hũa cama de roupa e ̄ outras cousas. || .S. || alfayas de casa e q̄ ele ̄tista depois ele demãda o q̄ ã sy tẽ q corre ã dobro e as custas ã tresdobro || e o dto almotace mãdou o dto fernã roiz p.^{or} da dta m.^a mãsa q. ate ̄m^{ra} aud.^{ca} faça certo como tẽ pago a dta moça todo serviço.

d.^o | glz¹.

Ano de mjl e q̄nhêtos e tres anos a xxiiij d. do mes Ian.^{ro} fez d.^o alvjs almotacel od.^{cia} e ̄pante ele pareceo o dto a.^o anes p.^{or} de alv.^o frz e demãdou q lhe julgasc̄ ̄ij rs q m.^a mãsa lhe devja || e fernã roiz p.^{or} dela dise q ela cõfesava q ela devja os ̄ij rs e por lhe

¹ Neste mesmo livro, e em outros anteriores, vêem-se outros sinais das assinaaturas dos juizes, vereadores e homens da camara, etc. Recordarei por exemplo: uma padiola, uma escada, uma tesoura, uma mó, uma chave. Estes são os que aparecem com mais freqüência.